

**A busca por uma unidade identitária negra em terras sulinas no pós-Abolição:
Imprensa negra; Frente Negra Pelotense e Clubes Sociais Negros em Pelotas-RS
(1907-1937)**

Fernanda Oliveira da Silva¹

Pelotas é uma cidade localizada no extremo sul do país, caracterizada pela grande presença de negros durante a escravidão, visto que a atividade econômica da região girava em torno das charqueadas nas quais os negros foram utilizados como mão de obra. Esse contingente negro se transformou no elemento operário da cidade no pós-Abolição. Estes desenvolveram uma rede de associativismo negro desde a escravidão, com as primeiras irmandades negras, rede esta que se manteve em funcionamento possibilitando o surgimento de inúmeras associações de recorte racial. O Estado em questão ficou conhecido nacionalmente pela presença marcante da imigração e por uma suposta inexistência de negros, fato que as pesquisas realizadas principalmente em âmbito acadêmico vêm desmentindo. Neste artigo contextualizamos o ponto alto de mobilização racial na cidade, com a criação de um órgão de defesa dos direitos dos negros locais e da região, a Frente Negra Pelotense, na década de 1930 e sua busca por uma identidade racial única aos negros locais. Para tal abordamos o jornal que foi porta voz dos interesses dessa associação, *A Alvorada*, em diálogo com as associações que tinham maior alcance entre os negros locais, os clubes sociais negros.

O jornal *A Alvorada* delegava como parte de seu programa a busca pelo fim dos preconceitos de cor. Nesse sentido, o artigo intitulado “13 de Maio”² apresenta a data magna aos negros do período imediato a Abolição, porém, incita os negros em geral a abandonar os preconceitos, e tomarem para si essa luta. Pretendia-se que os negros agissem por sua vontade e ação, não deixando nas mãos dos *outros* a sua emancipação visto que *esta emancipação tem que ser exclusivamente obra dos próprios negros*. Os articulistas do jornal acreditavam ser necessário conservar uma determinada moral e a

¹ Mestre em História pela PUCRS, bolsista CAPES (2009-2011). O artigo aqui exposto apresenta parte dos resultados obtidos com a dissertação de mestrado intitulada: *Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)*.

² *A Alvorada*, 14/05/1933, p. 1.

instrução. Assim, o negro afastar-se-ia do ideal consolidado pela elite intelectual de que este grupo seria, de forma inata, imoral e desprovido de inteligência.

Aos cinco dias do mês de maio do ano de 1907 saía às ruas da cidade de Pelotas, o primeiro número do jornal *A Alvorada*, idealizado por um grupo de jovens negros. Os fundadores tinham em comum, além da cor da pele e da conseqüente experiência de discriminação racial o que lhes colocava o anseio pelo fim destes preconceitos, o fato de serem operários preocupados com os destinos da classe trabalhadora. Preocupações estas que não se restringiam à cidade, mas é possível constatar um alargar dos horizontes, pois veiculavam matérias de interesse nacional e atreladas a política internacional.

O jornal foi tido por Santos (2003) como, provavelmente, o mais longo representante da imprensa negra de circulação no país, circulou entre os anos de 1907-1965, com pequenas interrupções. Neste estão presentes as expectativas de negros brasileiros em torno da ascensão social, posições estas que não eram homogêneas. Os valores da raça negra, identificada como *raça etiópica*, despontavam na direção de constituir-se uma identidade negra fechada, porém, apontavam por vezes também, valores vinculados à noção de “democracia racial”. No entanto, mesmo quando da percepção de um ideal de “democracia racial” existia a percepção do preconceito racial e de seus efeitos na vida dos negros.

A análise dos artigos desse jornal evidencia duas categorias úteis a nossa interpretação – raça e identidade. Os assuntos evidenciam a procura e defesa de uma identidade racial positiva para si, ou seja, para o grupo em questão. No entanto, é necessário destacar que esta não era uma posição homogênea isenta de ambigüidade, visto que por vezes elencavam elementos da ideologia do *branqueamento*³, principalmente no tocante a busca por um comportamento puro e uma organização semelhante aos padrões das associações brancas, principalmente em relação aos clubes sociais. Acreditamos que esta ambigüidade não inviabiliza a manutenção de uma identidade negra positiva, auxiliam assim a percebermos características próprias de uma sociedade que restringiu por muito tempo o acesso dos negros às demais associações. A aproximação com medidas tidas como branqueadoras evidencia uma justaposição do

³ HOFBAUER, (2006).

concebido enquanto *branquidade*, ou seja, tendo como padrão a supremacia branca presente na concepção estrutural da sociedade (WARE, 2004).

Ressalto a opção pelas categorias de análise raça e identidade, visto que ambas têm o poder de trazerem consigo uma ideologia que é subjacente aos discursos de então. Estas mediam ainda hoje o debate sobre as ações afirmativas e estão presentes na sociedade brasileira como um todo. Tornam-se assim de imprescindível valor os estudos que buscam absorver a história a partir de seus próprios atores e da lógica em que estão inseridos. A passagem a seguir sintetiza a abordagem presente neste artigo ao perceber as iniciativas de instrução tomadas para e/ ou pelos negros pelotenses enquanto demonstrações de construção e afirmação de uma identidade negra positiva. Esta, inserida e que influencia e/ou é influenciada pelo contexto histórico do momento: “As identidades raciais raramente são estáticas, estando sujeitas, antes, a pressões políticas contínuas, que contribuem para forjar, moldar e diluir as distinções fatais produzidas pelas vicissitudes mutáveis do pensamento racial” (WARE, 2004, p. 26).

A(s) identidade(s) negra(s) é concebida aqui como uma identidade de base racial, de afirmação da sua origem e conseqüentemente, sua raça, nesse sentido foi importante na construção do argumento que da sustentação a essa pesquisa a reflexão presente em Guimarães (2005, p. 67) para o qual:

[...] é justo ai [na tensão existente entre os ideários que por um lado negavam a existência biológica das raças e por outro negavam a existência de um racismo e discriminação racial] que aparece a necessidade de teorizar as “raças” como elas são, ou seja, construtos sociais, formas de identidade baseadas numa ideia biológica errônea, mas **socialmente eficaz para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios**. Se as raças não existem num sentido estrito e realista de ciência, ou seja, se não são do mundo físico, elas existem, contudo, de modo pleno, no mundo social, produtos de formas de classificar e de identificar que orientam as ações humanas (grifos do autor).

O hebdomadário *A Alvorada* foi fundado por trabalhadores, em sua maioria negros. Dentre seus redatores e articulistas encontravam-se os irmãos Juvenal e Durval Penny, Rodolfo Xavier e Antonio Baobad, Armando Vargas, Carlos Torres, Dario Nunes, Humberto de Freitas, Ivo Porto e Miguel Barros. O objetivo principal era servir como veículo de informação agindo em prol da defesa de seus irmãos de cor. O programa deste pregava a defesa da raça, através da denúncia de atos discriminatórios, e dos interesses dos operários pelotenses.

O jornal era dominical e poderia ser adquirido de duas formas: compra em bancas de jornal, barbearias e no Mercado Central, ou assinatura. Circulava ainda em algumas cidades da região sul, como Rio Grande, Canguçu, Bagé, Jaguarão e Alegrete (SANTOS, 2003). A comunidade negra de Bagé na primeira metade da década de 1930 mantinha um suplemento veiculado como parte do referido jornal, intitulado “Correio Elegante - Suplemento de Bagé”.

Nos artigos identifica-se qual a imagem que eles pretendiam repassar a comunidade negra e em geral, ou seja, a identidade. Os articulistas do *A Alvorada* tentavam inculcar nos leitores a valorização de sua cor, nas mais diferentes nuances de tonalidade, o que evidencia a percepção de raça que os mesmos possuíam, ou seja, era um grupo heterogêneo no tocante a cor da pele, mas que precisava se unir sob a identificação preto ou negro deixando de lado os preconceitos percebidos até mesmo dentro da comunidade negra, no tocante aos mulatos. Um artigo, assinado por Humberto de Freitas, exemplifica a nossa interpretação:

Interjeição!

Repercutiu dolorosamente no **seio da sociedade etiópica pelotense**, a pretenciosa atitude dos dirigentes de certo grupo bailante que, **deixando-se embair por uma falsa maneira de selecionar**, não observaram no indivíduo o valor moral, mas sim, como justificativa dos seus ‘escrúpulos’ sociais, basearam-se na **diferença das cutículas**. E, nas suas condenáveis investigações etnológicas, acharam ‘defeitos’ morais e ‘contagiosos’ nos **negros de tez da cor do ébano...** [...] Felizes os que têm os olhos para olharem-se nos seus espelhos ‘genealógicos’ – às avós; felizes os que sentindo pulsar no coração **o amor pela extirpe de José Mauricio, e, do escravo Cosme**, e sentindo a repulsa pela ofensa, não apoiaram tal **atitude preconceituosa**, dando assim, à Sociedade, à **Raça** e à Pátria, um atestado de civismo e de solidariedade humana⁴! (grifos meus, *A Alvorada*, 14/02/1932, p. 3).

Neste artigo há uma valorização das raízes ao evocar até mesmo a figura de um escravo (Cosme), seguido pela valorização da cor da pele e da própria terminologia “negros”. Destacamos ainda, a referência do autor ao conhecimento de *certas pesquisas etnológicas*, evidenciando, no entanto, a existência social do termo raça e sua significância para essa parcela da sociedade o que destaca ainda o ideal de colocarem-se enquanto uma *raça etiópica* a qual comungava da Pátria brasileira. A recorrência a palavra *raça* serve ainda como um sinônimo de *raça negra*.

⁴ Optou-se por transformar a ortografia para a norma atual.

A identidade negra se utilizava do adjetivo etiópica, a qual remetia a uma origem comum, porém um artigo publicado em 1935, pelo articulista Rodolfo Xavier intitulado “origem etiópica” rebatia esta perspectiva:

Em geral, no Brasil, a raça descendente de africanos é tida e havida por etiópica. Desconhedora, em sua quase totalidade, de sua verdadeira origem a raça Afro-brasileira pavoneia-se de *etiópica* cuja região não contribui com um único *espécime* para o tráfico de escravos, não só para o Brasil como para toda a América [...].

O grito é nosso, mesmo para chamar a atenção dos que se acham iludidos em sua boa fé. Tal é a origem etiópica dos descendentes africanos brasileiros... De etiópicos não temos nada. (grifos do autor, *A Alvorada*, 07/07/1935, p.2).

As características positivas em busca de uma união evocadas pelos dois fragmentos descritos anteriormente inserem-se em um movimento que a historiografia caracterizou como “negritude”, um movimento surgido na década de 1930, que de acordo com as considerações de Munanga (1986), seria uma resposta ao embranquecimento e buscava as raízes da identidade negra e conseqüentemente uma valorização das raízes africanas.

O sanar da preocupação dos articulistas do referido jornal em conscientizar seus irmãos de cor se daria somente mediante a instrução e teve sua expressão mais marcante na década de 30 do século XX. A grande preocupação em combater o analfabetismo dos negros de Pelotas, consolidou-se com a criação da *Frente Negra Pelotense* em 1933. Essa Frente estava ligada ao jornal *A Alvorada*, com o objetivo central de alfabetização e educação dos negros, no sentido abrangente destes termos, visto que a moral estava profundamente incutida no sentido de educação pretendida por eles. Reivindicavam uma noção de pertencimento, ou seja, uma identificação negra, e com esta uma positivação da sua história. Porém, esta Frente surgiu justamente quando ocorreu uma explosão de associações voltadas ao lazer, tidas por alguns articulistas do jornal, como por exemplo, Rodolfo Xavier, lugares de “ vaidade e ostentação dos ineptos” segundo o mesmo ainda conclamava: “ vamos tratar do que realmente a raça precisa: evoluir ao lado da raça branca, ombro a ombro, não havendo diferença entre os indivíduos pela cor, mas, simplesmente, pelo estudo e pela cultura” (*A Alvorada*, 21/01/1934, p. 1). Evocava assim, um apelo menos cultural e mais político.

“Necessitamos de instrução, muita instrução”: a *Frente Negra Pelotense* e “A Hora da Raça” nos clubes negros

Quereis que vossos filhos sejam felizes, e que futuramente não haja distinção entre brancos e pretos? Mandai-os educar convenientemente.

[...] Eis como podeis fazer a felicidade da vossa família e da vossa raça: educando vossos filhos, que senhores de tão salutar virtude se impor com honra e brilho, e amanhã teremos homens de envergadura moral e intelectual sólida, que não serão admirados pelos seus semelhantes, simplesmente porque se compenetraram de que a educação é o único caminho que destrói preconceitos e irmana os homens.

Termino as minhas obscuras linhas, dizendo que espero que todos digam: “quereis terminar a distinção entre brancos e pretos? Educai vossos filhos”.

José Penny (*A Alvorada*, 15/01/1933, p. 1)

[...] Necessitamos de instrução, muita instrução o que infelizmente é uma verdade cristalina.

Precisamos de Centros de Cultura para o nosso aperfeiçoamento moral e intelectual, e não para “lutas de classes”, pois que estas têm os seus órgãos sindicalizados e é dentro do Sindicalismo que atuam as organizações obreiras em combate a exploração do homem pelo homem.

Queremos, concomitantemente, o desatar ao mesmo tempo de dois nós górdios – o aperfeiçoamento moral e intelectual do negro por meio da instrução e ao mesmo tempo o seu nivelamento econômico pela “luta de classes” [...].

Primeiro nos instruíamos que é para saber nos defender e pugnar pelos nossos direitos, dentro da Justiça e da Razão, e que nos assiste como viventes na coletividade humana.

Primeiro destruamos o preconceito de “cor” e depois a tirania do capital; eis o nosso ponto de vista dentro da “Campanha Pró-Educação”, não desvirtuemos os nossos fins...

Rodolfo Xavier (*A Alvorada*, 09/07/1933, p. 2)

As passagens referenciadas fazem parte da *Campanha pró-educação*. Esta foi idealizada pelo jovem José Penny, então estudante de engenharia em Porto Alegre. O objetivo da mesma era o “reerguimento moral e intelectual da raça negra por meio da instrução e da cultura”⁵. *A Alvorada* realizou ampla divulgação da *Campanha pró-educação*, dentro da qual nasceria a *FNP*. A análise feita por Santos (2001) registrou seu aparecimento nas páginas do jornal *A Alvorada* em 15 de janeiro de 1933, quando esta titulação precedeu o artigo assinado por José Penny, vindo abaixo do texto a expressão: “Negro! Evita o samba se quiseres evoluir”. Como a frase evidencia, a campanha objetivava a alfabetização e educação dos negros pelotenses, mas também a “Educação do ‘eu’” (SANTOS, 2001, p. 130).

Os preceitos evocados por José Penny no artigo fundador da Campanha exemplificam os objetivos em torno dos quais os mantenedores desta iriam propugnar e fica explícito no segundo fragmento destacado, trazendo sempre aos aconselhamentos a educação como meio de acabar com os preconceitos e incitando os negros a tomarem para si essa perspectiva o que contribuiria para uma positividade e melhoria da história

⁵ *A Alvorada*, 06/03/1933, p.1.

destes. Segundo os idealizadores da Campanha, os negros precisavam conscientizar-se de sua situação social, dos problemas que os atingiam, e assim de nada adiantava a participação em associações bailantes, mesmo que estas apresentassem cunho racial, até mesmo porque se estas apresentavam essa diferenciação era em função de ser barrada a entrada de pessoas negras em diversos estabelecimentos sociais. Neste sentido, era necessário que se unissem em prol da causa negra a fim de *evoluírem* e lutarem por seus direitos.

A *FNP* foi fundada em 10 de maio de 1933 por José Aauto Ferreira da Silva, Carlos Torres, José Penny, Miguel Barros e Humberto de Freitas. Estes fundadores, já possuíam trânsito entre as associações classistas e/ou de cunho racial (LONER, 2001; SANTOS, 2001). Porém, outros nomes foram incorporados à associação, entre estes destacamos Rodolfo Xavier, Juvenal e Durval Penny e Francisco de Paula Alves, o qual sugeriu em 1934 que se alterasse a denominação de *FNP* para Frente Educacional Pelotense. A proposta de modificação do nome foi preterida. Esta manutenção pode estar ligada à intenção da maior parte dos membros desejarem manter a ligação com a *Frente Negra Brasileira*, além de enfatizar o caráter de identificação racial em torno do qual estavam engajados seus propulsores, indicando um ponto importante na defesa dessa associação política de defesa da raça negra e, dessa maneira, corrobora o objetivo inicial da *FNP*:

A Frente Negra é uma entidade organizada por Negros e para os Negros [...] **destina-se a pugnar pela união**, educação, instrução, reabilitação e engrandecimento de todos os elementos da raça negra.
[...] combaterá tenazmente o Preconceito de Cores [sic], fruto da vaidade e incompreensão daqueles que julgam-se superiores a nós.
[...] procurará conquistar para o negro, o direito, a igualdade e a consideração que a Lei lhe dá, mas o Preconceito, lhe nega. [...] é completamente independente, não sendo filiada a partidos, nem religiões, nem a clubes ou sociedades recreativas, carnavalescas ou desportivas. Negro meu irmão, não te envergonhes da tua cor, procura educar-te, instruir-te, valorizar-te, para mostrar a outrem, a cultura e a inteligência da raça negra. [...] a maioria negra é incontestável. (*A Alvorada*, 11/06/1933, apud SANTOS, 2001, p. 144-145).

A *FNP* se autodenominava enquanto associação cultural e educacional. Encontramos indícios de seu funcionamento ainda em 1937, quando provavelmente deixou de funcionar em virtude das medidas adotadas pelo Estado Novo, embora a maior parte das fontes em que a mesma é encontrada, artigos veiculados no jornal *A Alvorada*, estão disponíveis apenas até o ano de 1935, nos quais ela aparece de maneira bem enfática.

O referido jornal encaminhou de forma incisiva a *Campanha*, nesse momento fundava-se na cidade a associação das sociedades recreativas, campanha contra o ensino religioso, álcool e cigarro. As páginas do semanário então traziam poesias, aconselhamentos e artigos valorizando o negro local e brasileiro, nos quais a denominação “raça” identificava um conjunto de negros e apresentava a posição ideológica dos membros do jornal, da *Campanha* e após, da *FNP*. Essa posição ideológica aparece no sentido de que, por vezes, um ou outro redator era identificado por *outros* como moreno ou mulato, como por exemplo, José Penny e Humberto Freitas, porém, os mesmos se autodenominavam negros na acepção de uma unificação identitária. Nesse sentido, concordamos com a análise desenvolvida por Santos (2001) ao vincular essa identificação conferida pelos *outros* com a vinculação dos mesmos aos lugares sociais ocupados por eles, visto que José provinha de uma classe média com amplo acesso à educação e Humberto era um artista plástico (SANTOS, 2001, p. 115-116).

Em 1932 já é possível captar nas páginas do hebdomadário a ideia que se encaminha para a fundação de uma entidade de defesa e conscientização da raça em Pelotas, seguindo os moldes da *FNB*, conforme se apercebe no fragmento de artigo escrito por um dos contribuintes do jornal, o líder negro Rodolpho Xavier:

[...] S. Paulo, neste momento, indica o caminho a seguir pela Raça Negra, em todo o Brasil, preparando-a para o futuro não como serva das outras raças, mas **ciente e consciente de seu valor moral, cívico e intelectual**, como parte integrante do povo brasileiro.

[...] A Raça Negra, a par dos desportos e festas carnavalescas, **deveria em primeiro lugar, instruir-se no seu principal papel para a conquista de seus direitos á cidadania e tão espezinhadados pelas outras Raças.**

Não temos associações de classe para defesa dos trabalhadores, não temos associações beneficentes, não temos associações de espécie alguma que ampare a nossa invalidez, ou que pugne pelos direitos de qualquer um individuo de cor preta quando seja preciso defendê-lo de arbitrariedades, sejam elas quais forem.

Desde 1908, como podem atestar as colunas da “Alvorada”, que viemos combatendo a falsa orientação seguida pela Raça Negra de Pelotas.

Agora, porém, temos o imenso prazer de ver que os homens de cor preta do mais progressista Estado do Brasil, rumaram ao verdadeiro caminho desfraldando as mesmas ideias! (*A Alvorada*, 28/02/1932, p.1, grifos meus).

A passagem transparece então, e principalmente ao atentarmos para os grifos, o ideal de constituir-se uma organização que defendesse os negros em geral quando os mesmos se sentissem privados de algum direito. Sendo assim, não pugnavam apenas

por propiciar o encontro de iguais, mas de defesa dos membros de uma mesma associação. Realizavam então uma crítica às associações bailantes étnicas, principalmente as negras, visto não propiciarem discussões políticas de defesa da raça negra, embora tenham sido criadas em decorrência dos clubes sociais brancos, assim como determinados locais privados e até mesmo públicos, impedirem a presença de negros.

A Frente, ainda que tenha criticado as associações bailantes negras, desenvolvia atividade intensa nas sedes dos clubes sociais, sendo que a segunda parte da citação anterior pode estar fazendo referência ao que iria concretizar-se com *A Hora da Raça*, na qual desenvolviam palestras e conversas nas sedes sociais negras, levando aos irmãos discussões raciais, evocando os antepassados, e de interesse dos trabalhadores nacionais. Pelotas, em conjunto com a cidade de Rio Claro, localizada no interior paulista, foram as únicas cidades do interior que mantiveram organizações vinculadas à *FNB*.

Dentre os objetivos da Frente destacam-se a união da raça negra aliada à busca pela educação formal. Definiram como principal fim em seus estatutos a busca pela “instrução, educação e elevamento da raça Negra”. Para tal propunham ainda características que em muito se aproximam dos objetivos pleiteados pelas irmandades religiosas do século XIX e associações mutuais e/ou beneficentes surgidas já no final da escravidão, como por exemplo, o amparo em caso de necessidades relacionadas à saúde e/ou judiciárias. Assim como, a organização e manutenção de cursos alfabetizadores e com base em palestras e preleções diversas tendo como conteúdo a história do povo negro. Nestas relatavam-se episódios marcantes de seus líderes e datas comemorativas com o intuito de elevar a autoestima dos negros. Pleiteavam ainda ‘a admissão de elementos de cor aproveitável nos ginásios’ em uma clara alusão a positividade da identidade negra a ser alcançada pela não diferenciação dentre do próprio grupo e pela busca da instrução em primeiro lugar.

Poderiam associar-se homens e mulheres com mais de 16 anos, sendo que do total apenas 10% poderiam ser não negros, porém, na diretoria estariam apenas negros. A associação era administrada por uma diretoria eleita anualmente composta pelos cargos de presidente, vice-presidente, 1º e 2º secretários, 1º e 2º Tesoureiros, diretor

geral e conselho fiscal⁶. Loner (1999, p. 401) evidenciou uma característica pertinente à Frente pelotense que a distanciava da *Frente Negra Brasileira*. A pelotense, embora também lutasse contra o racismo e em favor da educação, não tentou transformar-se em partido político, embora fosse também politizada, visto que alguns de seus militantes eram socialistas ou comunistas e discutiam sobre isso.

A *FNP* e a valorização de *uma* identidade negra

Objetivava-se a união de *todos os afrodescendentes*, nesse sentido, é possível perceber a preocupação e negação de uma identidade *mulata*, os autoidentificados como mulatos eram tidos como *híbridos*, e nas palavras do articulista José Penny “na maioria, o pior inimigo de negro, principalmente quando tem algum conceito entre pessoas brancas, mesmo quando não tem”⁷, o autor do artigo finaliza o mesmo explicitando seu orgulho de ser negro e lastimando o fato de não ser um negro *puro*. Nesse momento, destacamos o significado conferido ao que consideramos uma expressão – *negro*. Desse modo, não era apenas uma palavra, mas alcançava patamar de uma expressão repleta de identidade e acionada a fim de reunir a todos os afrodescendentes.

Destacamos ainda a permanência da visão de aproximação do mulato com o branco e não com o negro, visto que o mulato era percebido enquanto um ser que ao ascender socialmente tendia a se afastar de seus irmãos de cor, discriminando-os. Mas, buscava-se conscientizar os mulatos dessa posição que ia contra a unidade racial, a identidade invocada nos artigos era a de *uma* identidade racial negra, a qual englobava pretos, pardos, mulatos e crioulos, os quais através da instrução saberiam e defenderiam serem *todos negros*. Destacamos a chamada de um artigo, de página inteira e assinado pelo estudante e então redator do jornal José Penny, tendo ao lado um chamamento assinado pelo *Creoulo Leugim*, o qual inicia destacando a seguinte frase: “Quem não está conosco, está contra nós, e assim contra a Frente Negra e quem é contra a Frente Negra é contra a raça, e quem é contra a raça, é contra si mesmo”. Em ambos, transparece a ideia desta identidade racial negra unificada.

Nesta mesma direção destacamos ainda dois artigos do *A Alvorada* em especial, escrito por membros da *FNP*, tendo sido o primeiro redigido pelo articulista Humberto

⁶ Estatutos da *FNP*. *A Alvorada*, 14/01/1934, p. 2 e p. 8.

⁷ *A Alvorada*, 29/01/1934, p.2.

de Freitas, veiculado em 14 fevereiro de 1932. O redator critica a atitude de um grupo bailante composto por mulatos que impedia a participação de pessoas negras, visto que para tal baseavam-se tão somente na “diferença das cutículas. E, nas suas condenáveis investigações etnológicas, achavam defeitos morais e contagiosos nos negros de tez da cor do ébano”. O referido autor prossegue sua indignação identificando que para os membros do referido grupo, a cor preta representava uma marca da inferioridade moral e social dessas pessoas, condição tida como *degradante*. Este grupo teria permitido a participação de brancos em contraposição à presença de negros, o que no pensamento do autor evidencia que “somente uma pessoa de ‘cor’ mista, pretensiosa e sem cultura, poderá deixar-se convencer que, por ter ‘abertinha’ a sua cor, não é negra!”. Assim se faz possível identificar as noções de raça e cor vigorantes no período em estudo. Nesse sentido, identificamos um evidente distanciamento da expressão *homens de cor*, visto que para os negros imbuídos da ideia de unificação da raça negra, as diferenças de cor, e consequentemente a identificação destas, criava ideias errôneas e medidas que se aproximam do que a historiografia denominou *branqueamento*.

Deste modo, os redatores utilizavam-se das páginas do jornal voltada à comunidade negra, para buscar incutir em seus leitores o ideal de união de todo povo negro, deixando de lado as diferenças de cor e colocando-se todos como membros de um só povo. Estes não deveriam envergonhar-se de sua pele e de sua história, para alcançar este ideal era necessário afastar-se dos preconceitos e das doutrinas branqueadoras. Porém, isto só poderia acontecer através da educação, a qual, na perspectiva seguida pela *Campanha* e consequentemente pela *FNP*, repassaria aos negros uma história presente de aspectos positivos através dos obstáculos que os negros tiveram e conseguiram vencer, ou seja, uma valorização das raízes, principal característica da identidade étnica de acordo com Barth (1969). A partir dessa conscientização os mesmos se identificariam e seriam identificados positivamente, visto que estariam bem instruídos a ponto de reivindicarem seus direitos e não manterem divisões dentro do próprio grupo. Esta perspectiva identitária negra fica evidente na forma como o redator finalizou o referido artigo “Felizes os que têm os olhos para olharem-se nos seus espelhos ‘genealógicos’ – as avós; felizes os que sentindo pulsar no

coração o amor pela extirpe de José Mauricio, e do escravo Cosme; e sentindo repulsa pela ofensa, não apoiaram tal atitude preconceituosa”⁸.

A discussão da diferenciação entre negros pretos e negros mulatos, evidenciada em relação à tonalidade da pele, era uma constante nas páginas do referido jornal. Sendo possível encontrar opiniões opostas, como por exemplo, a percepção dos mulatos como os representantes da inferioridade a qual o negro se sujeita, visto que aqueles se passariam por brancos negando as suas origens. É necessário recordar, no entanto, que este era um período em que ainda se mantinham fortes características do *branqueamento*, segundo o qual o negro quanto mais escuro fosse, mais atrasado social e culturalmente era tido pelas elites intelectuais do país. Nesse sentido, os artigos veiculados durante a Campanha e a *FNP*, tendiam a reivindicar o fim dessa ideia desenvolvida, em muitos casos, pelos próprios mulatos, propondo uma unificação da comunidade negra em torno do ideal pretendido pelas lideranças negras.

Destacamos um segundo artigo intitulado *Incitamento*, veiculado na primeira página no jornal *A Alvorada*, em que o redator que se autodenominava *Creoulo Leugim* faz um chamamento aos tidos como mulatos, aconselhando-os a unirem-se a causa defendida pela *FNP*, visto que ambos, crioulos e mulatos, vivenciavam o mesmo sofrimento provocado por medidas preconceituosas e os identifica utilizando a expressão “cor da minha cor”, dá continuidade ao artigo colocando-se em igualdade aos mulatos ao identificar que “escuros ou claros somos todos iguais diante dos ‘puros’”. O autor recorre ainda às origens de ambos, em uma alusão ao que na atualidade é considerado o mártir dos negros brasileiros, Zumbi dos Palmares, e assim busca conferir uma ideia de coletividade ao problema enfrentado por pretos, mulatos e pardos.⁹

A busca por uma identidade negra coletiva é evidente no artigo evocado, sendo possível evidenciar algumas características destacadas, como por exemplo, uma diferenciação que corresponde às diferentes tonalidades da pele, no caso mulatos seria mais clara, enquanto os crioulos seriam mais escuros. Porém, o que mais chama a atenção nesse artigo é a identificação de um inimigo comum, os puros, ou seja, os brancos. Estes seriam o padrão fora da discriminação, sendo assim, era necessário que crioulos, mulatos, ou seja, negros se unissem em prol da causa do grupo.

⁸ *A Alvorada*, 14/02/1932, p. 3.

⁹ *A Alvorada*, 23/09/1934, p. 1.

Destacamos ainda o codinome utilizado pelo autor do referido artigo, *Creoulo Leugim*, essa foi uma prática recorrente durante a manutenção da *FNP* assim como do jornal *A Alvorada* de maneira geral. Nesse sentido, Santos (2010, p. 13) indica que a utilização de codinomes foi utilizada principalmente em se tratando de assuntos polêmicos, destacando dentre estes a questão de reivindicação salarial e denúncia de medidas preconceituosas¹⁰.

A perspectiva de denúncia da situação dos negros, assim como valorização de sua história foi levada a efeito a partir das atividades externas da *FNP*, nas quais realizavam suas preleções intituladas *A Hora da Raça*. A identificação conferida às explanações de membros da *FNP* já explicita por si mesma os objetivos das lideranças negras, ou seja, reivindicavam um momento específico para se pensar o negro, em suas diferentes dimensões. Entre estas destacamos a valorização da história do negro. Nesse sentido, se faz necessário destacar que os membros fundadores da Frente pelotense, atentaram para o fato de que os clubes sociais tinham o poder de arregimentarem, e estavam se constituindo como os principais espaços de aglutinamento dos negros pelotenses. Cientes disto buscaram inserirem nestes espaços os ideais da *Campanha* e consequentemente da *FNP*. Evidenciando esta perspectiva destacamos um fragmento do relato concernente a reunião de assembleia geral realizada em novembro de 1933 nas dependências do clube *Chove Não Molha*. Nesta reunião tomaram a frente dos trabalhos o membro da *FNP*, então eleito tesoureiro da associação, Carlos Torres e o vice-presidente do referido clube, Joaquim Cardoso. Na referida assembleia destacou-se que:

[...] foram consideradas sociais protetora da F.N.P. as seguintes sociedades e jornais: “A Alvorada”, “C.C. Esta Tudo Certo” “C.C Chove Não Molha”, “S.R Depois da chuva” e C.C Fica Ai P’ra Ir Dizendo”, cujas sociedades muito tem contribuído para F.N. P cedendo sua sedes gratuitamente para as sessões e outros misteres (*A Alvorada*, 19/11/1933, p. 2).

O pós-Abolição é percebido como o período em que parcela dos negros pelotenses conscientizou-se da sociedade discriminatória em que viviam e da manutenção desse preconceito pelo governo nacional. A identidade negra do período então não estava em contraste apenas com os não negros, mas com os negros que não comungavam da percepção da discriminação racial e da necessidade de união. Essa

¹⁰ O referido autor destacou ainda a utilização dos seguintes codinomes: “Zumbi dos Palmares, Pardo Otrebla, Moço Negro, Tribuno Montanha, Negro Velho” (SANTOS, 2010, p. 13).

ideia foi defendida e efetivada pela *FNP*, da qual muitos membros diretivos dos clubes sociais negros, evocados na passagem anterior, participaram e se uniram em prol do fim dos preconceitos raciais. Fato que só seria alcançado, na percepção dos mesmos, através da instrução. Discussão e formas de alcançar que ainda hoje continuam em pauta nas discussões sobre as ações afirmativas no Brasil, demonstrando a atualidade de um assunto que se discutiu com muito afinco na década de 30 do século passado.

FONTES DOCUMENTAIS

A Alvorada de 1931 a 1935.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: Editora da UNESP, 1998. p. 185-228.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2005.

HOFBAUER, Andreas. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

LONER, Beatriz Ana. Negros: Organização e Luta em Pelotas. *História em Revista*, Pelotas, v. 5, número, p. 7-27, dez. 1999.

_____. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande, 1888-1930*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária–UFPel/Rede Unitrabalho, 2001.

Munanga (1986)

SANTOS, José Antônio dos. *Raiou “A Alvorada”*: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957). Dissertação (Mestrado em História) – Área de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2000.

_____. *Raiou a Alvorada: Intelectuais negros e imprensa*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária–UFPel, 2003.

SILVA, Fernanda Oliveira da. *Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)*. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, 2011.

WARE, Vron (org.). *Branquidade: Identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.